

“Tornar-se outra pessoa”: Narrativas de transformação subjetiva e processos de distinção entre os jovens estudantes Erasmus em Lisboa.

“Becoming other person”: narratives of subjective transformation and processes of distinction among the young Erasmus students in Lisbon.

Daniel Malet Calvo

Doutor em Antropologia Urbana (Universidade de Barcelona), pesquisador do Grup de Recerca sobre Exclusió i Control Socials (GRECS-UB) - CIES-IUL (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia), ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa). Bolseiro de Pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/85169/2012).

Resumo

O programa de mobilidade estudantil universitária ERASMUS é bem conhecido em toda a Europa, deslocando anualmente uns 250.000 alunos por 33 países. Os seus princípios de intercâmbio cultural, ensino na pluralidade e mobilidade transnacional fazem dele o programa bandeira dos ideais da União Europeia, com um alto grau de apreciação política e de popularidade geral. Aliás, as experiências de descobrimento pessoal, emancipação e abertura ao cosmopolitismo dos jovens no estrangeiro, constituem um ritual de passo incontornável na cultura juvenil dum determinado grupo social que vai ser caracterizado pelo seu “capital de mobilidade”. Os Erasmus, entre “migrantes estudantis” e “turistas juvenis” chegam entre a maravilha e a comoção num país diferente do seu, adaptam-se ou rejeitam os seus contextos iniciais, buscam novas vidas e finalmente “descobrem-se a si mesmos” nesse novo lugar. O período Erasmus vai ser marcado pelos processos de trânsito das suas vidas para novas subjetividades, sempre definidas pelas estratégias de distinção e de diferenciação que procurarão respeito dos outros jovens num novo contexto. Neste artigo vamos conhecer os percursos vitais e as modalidades adaptativas de 6 estudantes estrangeiros em Lisboa segundo as suas próprias narrativas de deslocamento juvenil e adaptação urbana.

Palavras-chave: Programa ERASMUS, Mobilidade Estudantil, Lisboa, Procura de Distinção, Antropologia da Juventude.

Abstract

The ERASMUS Programme to study abroad is well known throughout Europe, involving about 250,000 exchange students traveling annually through 33 countries. The principles of cultural exchange, education in diversity and transnational mobility make it the banner program for the ideals of the European Union and has a high degree of popularity and consideration among politicians and common people. Moreover, the experiences of personal discovery, emancipation and openness to the cosmopolitanism of those students when they are abroad, constitute an essential “rite of passage” of a particular social group of youth characterized for embodying “Mobility Capital”. The “Erasmus”, considered always as a mixture between “student migration” and “youth tourism” are wondered or shocked when they first arrive to a country different than theirs. They adapt or reject their initial contexts and contacts, seeking for a new lives, to finally “discover themselves” in new places (and through new selves). Their Erasmus period is characterized by the transition processes of their lives towards new subjectivities, that are always defined by the strategies of distinction and differentiation of themselves in opposition to other young people in the new context. In this article we will present the life pathways and patterns of adaptation of six foreign students in Lisbon according to their narratives of youth mobility and urban adjustment.

Keywords: ERASMUS Programme, Student Mobility, Lisbon, Search for Distinction, Anthropology of Youth.

O programa ERASMUS: uma breve história da mobilidade estudantil europeia

Deixando num lado o humanista do Renascimento que inspirou o termo ERASMUS (que na realidade é o acrónimo de *European Community Action Scheme for the Mobility of University Students*) a palavra evoca imediatamente a mobilidade anual de centenas de milhares de jovens estudantes europeus pelas universidades do continente. Mas, como é que nasceram e evoluíram as políticas de apoio à mobilidade para os estudantes europeus? Paralelamente ao desenvolvimento dos tratados e alianças que depois da Segunda Guerra Mundial começam a configurar um mercado comum para a circulação de mercadorias, pessoas e capitais na Europa Ocidental, aparecem variadas iniciativas visando o reconhecimento e equivalência mútua dos estudos superiores entre

estes países (TEICHLER, 2003; PÉPIN, 2007). Num continente dividido pela Cortina de Ferro e com uma constante guerra ideológica marcando o ambiente nas Instituições de Educação Superior da parte Ocidental, serão as entidades supranacionais (como ainda são) as encarregadas de abrir o caminho -pretensamente não ideológico- da convergência em matéria educativa. Este papel de representação e canalização lobbista dos esforços pan-Europeus vai corresponder à CRE (*Conférence des Recteurs Européens*) materializando-se nos crescentes acordos bilaterais de educação entre os países que representam já a Comunidade Económica Europeia (BARBLAN, 2001).

Neste marco aparece o que podemos considerar a pré-história das bolsas ERASMUS, o seu estado embrionário: as JSP (*Joint Study Programmes*) prepararão entre 1976 e 1984 o terreno para o ERASMUS. Mediante as JSP a Comunidade Europeia financiava às Instituições de Educação Superior de diferentes países na implementação de programas educativos conjuntos, oferecendo aos estudantes a possibilidade de completar os estudos nas universidades estrangeiras que tinham criado acordos, ou facilitando a mobilidade de estudantes ou professorado entre elas, garantindo sempre a equivalência e reconhecimento total dos estudos (IWINSKA, 2010). Nos anos 80, num clima marcado pelo neoliberalismo e os primeiros sinais de globalização, aumentam as adesões às Comunidades Europeias e criam-se as condições de possibilidade para a aparição da União Europeia e o Mercado Único. Paralelamente avançam com força os planes de cooperação educativa e mobilidade estudantil dentro da Europa que, diante do receio dos Estados Membros, vão ser canalizados novamente por uma entidade “neutral” e “desinteressada”: a AEGEE (*Association des États Généraux des Etudiants de l'Europe*), liderado pela figura do lobbista Franck Biancheri, um dos “país” do programa ERASMUS.

Finalmente, depois de algumas dificuldades jurídicas causadas pela falta de consenso sobre a sua implementação, o programa proporciona para o curso 1987-1988 as suas primeiras 3.244 bolsas para a mobilidade de estudantes entre 11 países diferentes. Depois duma primeira fase entre 1987 e 1995, as bolsas para a mobilidade de estudantes de educação superior vão ser compreendidas dentro de programas mais abrangentes de educação e formação na Eu-

ropa como Sócrates I (1995-2000), Sócrates II (2000-2007) ou Lifelong Learning (2007-2013). Porém, a mobilidade estudantil na educação universitária vai ser sempre conhecida com o termo ERASMUS, o programa mais conhecido, celebrado e bem-sucedido dos produzidos pela União Europeia a pesar da sua pouca incidência real (só um 1% dos estudantes europeus de educação superior realizam anualmente um ERASMUS). Mediante a pressão doutro grupo lobbista, a *Fraternité 2020*, aparece finalmente o programa ERASMUS+, que desde 2014 agrupa, debaixo do mais afamado termo, todos os programas e ajudas em educação, formação, juventude e desporto financiados pela Comissão Europeia: Erasmus, Leonardo da Vinci, Comenius, Grundtvig, Erasmus Mundus, Tempus, Alfa, Edulink.

Ao longo desse tempo e até hoje, os discursos acerca da “função” e do “sucesso” do programa ERASMUS tem convergido sempre na ideia do fortalecimento do Europeísmo e da sua esperada consequência na consolidação do projeto Europeu (WILSON, 2011). Mas as coisas tem mudado muito entretanto. De um lado, o capitalismo pós-industrial e a sua visão sobre os recursos humanos tem imposto um novo ênfase sobre o panorama da educação: as antigas fronteiras entre estudo, trabalho e treino foram turvadas por conceitos como “competências transversais”, “experiências de aprendizagem”, ou “*soft skills*” (PINHO, 2002). Doutro lado a ideia tradicional da social-democracia sobre o direito universal ao ensino foi progressivamente substituída pela consideração mercantil da educação como um bem consumível, com os seus fornecedores e os seus clientes. A rentabilidade crescente dos estudos universitários favoreceu o crescimento do sector privado de ensino, compelindo às instituições públicas nacionais para uma visão comercial dos seus programas e estratégias (BIENEFELD & ALMQVIST, 2004; ALTBACH e KNIGHT, 2007). Este processo expressa-se na aparição de *franchises*, Campus deslocalizados, educação à distância, *branding* universitário, generalização do inglês como língua de ensino, *summer schools* e, claro, programas de intercâmbio. Ainda que a mobilidade seja uma pequena parte proporcional do volume de negócio da educação superior (um 2% do total da população estudantil mundial) tem um grande impacto na valoração dos destinos e na subsequente procura dos estudantes.

Frente a este panorama global de competitividade a Comissão Europeia declarou repetidamente a vontade de transformar a União Europeia na “maior e mais competitiva economia mundial baseada no conhecimento” (KUHN, 2012). Mas para assegurar os benefícios neste mercado do ensino foi preciso atacar primeiro os princípios de acesso universal à educação, estabelecidos mais ou menos pela Europa toda, o que ocasionou inúmeros conflitos. A chamada *Lisbon Strategy* (2000-2010) e o fortemente contestado *Bologna Process*, foram os instrumentos políticos utilizados para a privatização e a mercantilização do ensino, o aumento das propinas, e a elitização no acesso à universidade. Aliás, foram fortemente criticados os incentivos financeiros diretos com que a Comissão Europeia fidelizou os atores sub-nacionais (as instituições de educação superior) condicionando fortemente a aprovação das reformas nacionais necessárias em cada país pela implementação do *Bologna Process* (BARTORY e LINDSTROM, 2011). Seja como for, este desejo de unificação, de reforço da “marca” ERASMUS, deve ser percebido como um intento das instituições europeias por dinamizar as suas políticas de internacionalização num contexto de concorrência mundial na oferta e procura de “produtos” de educação superior (KEHM & TEICHLER, 2007). Mediante o recurso a um programa extremamente conhecido e aclamado tanto pelas instituições públicas e privadas como pelo público geral, a Comissão Europeia apresenta-se como a grande protetora do ensino ainda que paralelamente esteja a promover o fim do acesso universal à educação em inúmeros países da União.

Mas, qual é o seu funcionamento? Porque é tão vigorosa a sua fama? O funcionamento do programa ERASMUS (aquele dedicado às ajudas financeiras pela mobilidade universitária) é muito simples: As instituições de educação superior dos diferentes países (universidades e politécnicos) contactam-se para estabelecer acordos bilaterais e o número de vagas que anualmente vão oferecer aos seus alunos de intercâmbio. A Comissão Europeia financia uma parte das bolsas que os alunos vão desfrutar entre 3 e 12 meses num país estrangeiro, um orçamento reforçado pelos Estados de procedência dos alunos, apresentando grandes diferenças tanto no número de bolsas oferecidas como na quantia segundo o país de origem. Assim, anualmente circulam pela

universidades europeias de 33 países (os 28 Estados Membros da União Europeia mais a antiga Jugoslávia, República de Macedónia, Islândia, Lichtenstein, Noruega, Suíça e Turquia) uns 250.000 alunos: a sua presença condiciona as atividades noturnas, o comércio local e a procura de habitação das cidades universitárias. Desta maneira, além da sua existência institucional como um programa de intercâmbio estudantil determinado, o ERASMUS é um referente cultural conhecido popularmente em toda a Europa, do que se deriva um tipo social que aparece cada semestre na paisagem das cidades: “o Erasmus”.

Caracterização dos Erasmus: entre migração estudantil e turismo juvenil

Com o termo “Erasmus” abrangemos no nosso estudo aqueles atores sociais que apresentem três características necessárias: 1. Serem estrangeiros temporariamente deslocados em Lisboa e a sua área metropolitana (um mínimo de 4 ou 5 meses, precisos para viver um certo processo de assentamento); 2. Encontrar-se numa situação de “estudos” ou “estágio” (a “formação” deve ser a causa formal da sua estadia, justificada nalguma instituição de origem e/ou de destino); 3. Serem considerados “jovens” (pela sua idade biológica, mas sobretudo pela sua participação nos estilos, sociabilidades e padrões de consumo juvenis globais.. Assim, subsumimos no termo “Erasmus” aqueles estudantes de intercâmbio de fora do âmbito intra-europeu (como Canadá, USA, Angola ou Japão) que partilham com os alunos europeus estilos de vida, subjetividades, formas de socialização e padrões de consumo de tipo juvenil. Decidimos usar o termo “Erasmus” porque o programa fornece a maior proporção de estudantes internacionais em Lisboa, mas sobretudo porque a “marca” ERASMUS impregna todas as atividades e contextos dos estudantes estrangeiros que se encontram na Europa. Aliás, pelas mesmas razões, “erasmus” é a denominação popular com que geralmente os residentes nas cidades europeias designam por extrapolação qualquer estudante internacional (seja qual for a sua origem).

Este deslocamento para um contexto urbano desconhecido que constitui a experiência dos Erasmus situa a viagem destes jovens entre duas tradições nas ciências sociais contemporâneas. De um lado a literatura geográfi-

ca sobre a “migração estudantil” explora os fatores que motivam a decisão de partida, os processos de chegada e adaptação a um novo contexto, e as variadas negociações identitárias e sociais que se produzem no destino (RAGHURAM, 2013). Doutra lado a antropologia do turismo se preocupa pela “indústria” que organiza a recepção lucrativa de estrangeiros, a geração institucional de “imagens” patrimoniais e os processos urbanísticos associados, e as relações sociais e discursivas produzidas no contacto com as populações residentes (NEVELING e WERGIN, 2009). No encaixe com os estudos do turismo, a modalidade de deslocamento dos estudantes internacionais já foi classificada como “*educational travel*” (VAN’T KLOOSTER ET AL., 2008) ou “turismo académico” (RODRÍGUEZ ET AL., 2012) assinalando que o seu quotidiano encontra-se orientado por critérios turísticos e recreativos (LLEWELLYN-SMITH E MCCABE, 2008): os estudantes internacionais não escolhem “destino” tanto pelas instituições de educação superior como pelas imagens e as atrações que se transmitem sobre o país ou a cidade a visitar (MÉSZÁROS, 2011). Mas cabe dizer que as atividades, motivações e estilos de vida dos estudantes apresentam uma complexidade crescente, que vai além das fronteiras tradicionais entre estudo e trabalho, migração e turismo, produção e consumo (RICE, 2010). As suas trajetórias transnacionais constituem-se numa mistura experiencial (educação, lazer, evasão, aventura) articulada pela dimensão “juvenil” da sua mobilidade (KING Y RUIZ-GELICES, 2003; VAN MOL, 2013).

Efetivamente, os Erasmus são jovens-adultos fortemente identificados com os estilos e subculturas da sua geração (locais e globais), que determinam estratégias de distinção e consumo exibidas frequentemente em elementos estéticos ou condutais (PAIS, 1990; FEIXA, 1998). Se a função ritual da viagem turística foi assinalada em todas as suas modalidades (GRABURN 1989 [1977], 2001; NASH 1996) é verdade que apresenta especial relevância numa etapa culturalmente tão marcada pelas transições do indivíduo no seu processo de socialização. As viagens de juventude são períodos de aventura e construção da subjetividade consistentes na desvinculação temporária do mundo dos adultos. Aliás, se realizados entre iguais, as viagens proporcionam aquela intensidade relacional própria das vivências juvenis (afirmação duma visão

partilhada do mundo, exaltação da amizade, aprendizagens vitais), aumentada pelo processo inter-estrutural que supõe uma estadia no estrangeiro (JAFARI, 1992). É preciso dizer finalmente que este “turismo de juventude” que é o Erasmus (seja mais virado pelo lazer ou pelo estudo) tem uma temporalidade mais dilatada (a partir de 4 ou 5 meses no estrangeiro) e normalmente se realiza em meios urbanos. Neles, encontramos os Erasmus transitando pelo sistema internacional de gostos, estéticas, padrões de consumo e de sociabilidade, em plena formação das suas subjetividades, articulando o seu quotidiano mediante variadas estratégias de distinção que os situam, no marco do capitalismo global, como paradigma dos *post-turistas* (COHEN, 2005).

Aliás, os Erasmus são portadores dum triplo estigma: “jovens”, “estrangeiros” e “estudantes” o que os coloca numa determinada situação de “exclusão social” no destino (MURPHY-LEJEUNE, 2002): os Erasmus tem grandes dificuldades para socializar com os locais, mesmo da sua idade e classe social. Disto resulta uma endogamia intensa entre eles e uma celebração fervorosa da identidade comum provisória que partilham, o que faz lembrar inevitavelmente à *communitas* descrita por Victor Turner (1988): os Erasmus são “seres do limiar”. Na sua particular comunidade predomina o relaxamento das normas e a socialização massiva dos estudantes entre si, muitas vezes acompanhada dum alcoolização desenfreada e dum sexualidade aberta e desinibida.

A “experiência Erasmus” -sempre relatada pelos seus protagonistas como um episódio vital de descobrimento e crescimento pessoal- trata-se de um ritual de passo da juventude para a idade adulta. Mas sobretudo trata-se de um ritual de passo para marcar, num determinado grupo social, a transição dos indivíduos para um perfil “cosmopolita” (HANNERZ, 1990): prazer por viajar, capacidade de falar línguas estrangeiras, adaptação a novos contextos, e tolerância perante as diferenças culturais. Noutras palavras, mediante este período ritual o indivíduo adquiriu e incorporou um “capital de mobilidade” (MURPHY-LEJEUNE, 2002). Mas, porque falamos de um “determinado grupo social” nesta transição que conduz aos indivíduos à aquisição deste capital? O “capital de mobilidade” provém necessariamente da transformação doutro capitais de procedência familiar ou educativa (social, cultural, econó-

mico, simbólico) mediante os processos sociais e as experiências vitais ligadas ao movimento transnacional (CARLSON, 2013) e que se incorporarão como disposições no *habitus* do indivíduo (BOURDIEU, 2001). Assim, a generalidade dos estudantes internacionais são atores sociais pertencentes a uma determinada elite nos seus países de origem (WATERS e BROOKS, 2011): não só conseguiram atingir o nível dos estudos superiores senão que tem a capacidade sócio-económica de completa-los no estrangeiro, assim como a “sensibilidade” cosmopolita necessária para deseja-lho. Será que podemos considerar também os ERASMUS dentro desta “elite migratória” (MUSGROVE, 1963) que são os estudantes internacionais?

Apesar de ser apresentado como um programa de acesso livre e universal ao alcance de todos os estudantes europeus de educação superior, as variáveis que descrevem os ambientes sociais de procedência dos alunos (ocupação e nível educativo dos pais, mobilidade previa) mostram um perfil sócio-económico acima de média dos seus países. Foram elaborados já intentos para mostrar o carácter irrelevante destas variáveis (DI PIETRO e PAGE, 2008), mas pretender que não existe uma correspondência entre as condições sócio-económicas e culturais de partida e o facto que os estudantes que decidem fazer um ERASMUS sejam só o 1% anual, é demasiado inocente. Mas não devemos cair na simplificação do outro lado, pois a verdade é que existem muitos perfis: se bem a subsistência no estrangeiro é difícil só com o valor das bolsas atribuídas e sem ajuda familiar, também é verdade que depende da direção dos fluxos entre países. Por exemplo, para um aluno espanhol é muito mais económico ir para alguma cidade Portuguesa ou Italiana do que ir para Londres ou para Oslo, assim como para um estudante nórdico viver em Lisboa uns tempos pode ser bem barato com algumas poucas poupanças próprias ou até só com a bolsa. Estas realidades transfronteiriças configuram também algumas estratégias dos estudantes: a procura de uma cidade de destino onde ser acolhidos por familiares ou amigos que estejam a viver lá, ou a escolha de lugares onde não for preciso mudar de língua, como os franceses que vão para a Bélgica ou a Suíça francófonas. Aliás, a ajuda familiar não provém necessariamente de uma situação privilegiada, pode ser o produto do esforço fami-

liar de algumas classes medias voltado para o ascenso social mediante a educação dos filhos (SOUTO-OTERO, 2008). Seja como for, as famílias dos estudantes tem um capital económico ligeiramente por cima de média, e bastante por cima da média quando se trata do nível de estudos: são jovens que provém de famílias com formação superior e um perfil mais ou menos “cosmopolita”.

A composição nacional dos estudantes dentro do programa ERASMUS em Lisboa é mais ou menos assim: o ano académico 2010/2011 (os últimos dados aos que tivemos aceso) vieram para as universidades e politécnicos de Lisboa e a sua área metropolitana 2.376 espanhóis, 2.092 italianos, 1.188 alemães, 927 polacos e 690 franceses, as nacionalidades numericamente mais significativas. Vejamos agora seis histórias de mobilidade dalguns destes estudantes, caracterizadas pela readaptação das suas subjetividades frente aos novos espaços e relações que aflorarão na sua experiência Erasmus. Veremos nestas histórias de transição diferentes modalidades de reajuste, condicionadas em grande medida pelas estratégias de diferenciação e distinção desenvolvidas pelos alunos. Os estudantes foram entrevistados entre o semestre do 2012/2013 e o semestre do 2013/2014, nas suas casas ou em espaços públicos, sempre informando previamente do objetivo do estudo e requisitando permissão para gravar a nossa conversa. Todos os nomes foram substituídos por pseudónimos, e alguns detalhes alterados para proteger a intimidade dos estudantes.

Os Erasmus em trânsito: Chegadas, adaptações e dificuldades em contexto urbano

A decisão de partida é sempre o lugar onde se expressam os condicionamentos, a ilusão e as circunstâncias que levaram aos estudantes até a sua situação atual. Aqui aparecem sempre elementos da construção biográfica que justificam os percursos dos jovens e que permitem criar, no decurso do relato, as condições para a emergência da sempre presente transformação do *self*. A aceitação do lugar onde se está, e a eventual paixão pelo mesmo, é precedido muitas vezes pelo conflito e as dificuldades iniciais.

Bianca, estudante de Master em Economia provém da Universidade de Turim e decidiu aproveitar o último ano antes da realização do trabalho final, que quer fazer no seu país. Depois de acabada a licenciatura diz que recebeu

muitas ofertas de trabalho, mas nada que justificasse abandonar o Master porque o emprego, na situação atual de crise económica em Itália, é muito frágil. Falamos em inglês, um idioma que ela domina muito porque desde os 13 anos até os 18 passava duas semanas na Inglaterra durante o verão.

Eu diz a mim mesma: deves ir embora!. Decidi experimentar para o meu CV e para mim própria porque todas as pessoas que já tiveram esta experiência diziam-me: “vai fora e vive isso porque não podes entender até viveres isso”. Eu escolhi destino mais pela qualidade da universidade do que pelo país. Não podes dizer que não queres ir a um lugar porque não gostas das pessoas...não sabes...se nunca estiveste lá não sabes!. A minha primeira opção foi Gante, mas agora estou contenta de estar em Lisboa porque quando aqui estou com pessoas de Bélgica, de Holanda e lugares assim acho-os muito estranhos...as vezes são divertidos, mas quando ficam bêbados enlouquecem. São muitos diferentes de mim!

Uma das primeiras dificuldades que os Erasmus devem enfrentar neste seu trânsito nas cidades que visitam é a procura de habitação. Existem duas estratégias básicas para encontrar casa: o uso das redes sociais e a chegada na cidade um tempo antes. Se bem a ideia da Bianca era chegar a princípios de Agosto (as aulas começam em Setembro) para poder ver as casas, finalmente contactou com um proprietário mediante o blogue da ESN¹ para procura de habitação dos Erasmus. Depois de um videoconferência em que parecia estar tudo bem...

Estive muito enganada em apanhar esse quarto. Quando cheguei vi todo o que estava mal nessa casa: num dos lavabos o chão estava tudo quebrado e na sanita não podias sentar-te porque mexia-se demasiado. Aliás não podias tomar uma duche porque em 30 segundos a água saia congelada. Éramos sete pessoas nessa casa mas sempre que ia para a cozinha aparecia alguém desconhecido: “Olá...quem és tu?”. Falei com o proprietário da situação do banho e do facto que éramos 12 pessoas e sempre havia barulho num ou noutro quarto e que eu ia ter

¹ A ESN (Erasmus Students Network) é uma rede europeia de organizações sem animo de lucro que orienta aos estudantes internacionais nas cidades visitadas. Tem um grande número de voluntários (normalmente ex-Erasmus) que organizam festas, viagens e atividades.

exames e andar stressada em breve. Ele diz que aquilo não demorava mais de 5 dias em solucionar, mas estivemos mais de 1 mês assim.

A quantidade de relatos de Erasmus que apresentaram dificuldades na sua moradia é bastante considerável. Bianca acabou por sair dessa casa depois daquilo que ela percebeu como o intento do proprietário para aproveitar-se da situação dela como jovem estrangeira numa cidade desconhecida. Depois de um mês e meio saiu para outra casa e ficou com as chaves para obrigar ao proprietário a devolver-lhe a caução, mas ainda assim ele exigiu uma parte da água e da eletricidade apesar de estar incluídas no preço do quarto. Bianca aceitou só para recuperar o seu dinheiro e ter a certeza de que não iria ver mais aquele homem que, para ela, já foi “a pior pessoa” que conheceu em Lisboa. Este tipo de contingências formam parte incontornável da própria experiência Erasmus porquê acompanham o descobrimento dum facto importante para a construção da consciência dos estudantes como não-turistas, como adultos sozinhos que devem ter conta de sim próprios:

Aqui é que percebi que estava sozinha, que não era uma turista senão que aquilo era a minha vida e tinha de enfrentar as coisas. Ser Erasmus não é como viajar, deves dedicar um tempo para encontrar o teu lugar, um lugar que seja como a tua casa aqui. Eu aqui encontrei o meu lugar, tive sorte e finalmente encontrei. Aqui sinto-me muito bem, não quero voltar para casa.

Um caso ainda mais traumático é o da Yolanda, uma espanhola de Madrid com um perfil muito internacional: acampamentos de verão no estrangeiro, família cosmopolita, muitas viagens e estadias, uma boa educação em inglês e aluna do ensino de Relações Internacionais. Aliás, Yolanda apresentava um perfil militante fortemente comprometido na luta política depois de passar os últimos dois anos intensamente envolvida nos processos políticos que estavam (e estão) a acontecer nas ruas e bairros espanhóis: feminista e vegetariana chegava a Lisboa no fim do 2013, ainda no calor das revoltas espanholas contra o governo conservador e as medidas de austeridade..

Cheguei de estar todos os dias na rua, muito ativa no Twitter...já sabes como é que são as manifestações em Madrid...eu cheguei muito chateada com tudo e ainda com a dor duma ruptura sentimental recente, queria que o meu Erasmus fosse luta social e iniciação nas hortas urbanas e na permacultura, e isso chocou bastante com as pessoas com quem vivia.

Yolanda queria desde o inicio fraternizar com muitos estudantes e -ao contrário que muitos espanhóis em Lisboa- não tinha problemas por falar inglês assim que foi para uma casa de estudantes com 12 pessoas. Os primeiros problemas de Yolanda com os seus colegas de casa foi com o modelo de consumo deles, que expressava o abismo entre formas divergentes de “estar na cidade” dos Erasmus.

Nessa casa tive uma luta com a reciclagem que nem podes imaginar. Era eu contra todos, uma minoria em pleno sentido da palavra. A sua desculpa é que em Lisboa o lixo vai para o mesmo camião e não vale a pena separar (...) As primeiras semanas saíamos todos juntos na noite, chegávamos a apanhar 3 táxis cada noite, íamos para o Urban Beach² e eles gastavam 20 ou 40 euros em bebidas! Eles vinham para Lisboa 6 meses para destroçar a cidade!

A fratura na convivência manifestou-se num desprezo geral contra ela (sobretudo das pessoas do norte da Europa, nos seus termos) com algum acontecimento desagradável que não vale a pena reproduzir. Porém, expressou-se também na dimensão alimentícia, em dois episódios que Yolanda lembra como significativos: Uma vez ela cozinhou para os colegas uma *tortilla de patatas*, um prato típico em diferentes partes do Estado Espanhol, mas no foi bem aceite pelos colegas do norte (Holandeses e Alemães, concreta) que fizeram alguns comentários depreciativos. Outro dia ela estava a cozinhar um cozido de lentilhas quando uma rapariga aproxima-se interessando-se pelo prato, assim que Yolanda oferece-lhe para experimentar...

² Discoteca situada à beira do rio Tejo no bairro de Santos de Lisboa, muito frequentada pelos jovens lisboetas e estudantes internacionais.

A rapariga aparta-se com cara de nojo dizendo “não, não, isto não é para mim”. Não podes ir para outro país e pensar que vais encontrar as tuas coisas em todas partes. Passavam o dia no McDonalds! Eles vinham cá a arrasar e a impor a sua Lei!

Um dia até aconteceu um acidente: uns operários andavam a reformar o andar de cima quando o teto da Yolanda e de outro rapaz caiu, mas felizmente eles não estavam nos seus quartos nesse momento. Yolanda teve de dormir no salão coletivo durante três noites, e na volta ao seu quarto começou a sentir uma forte irritação na pele, primeiro nas pernas, e que foi avançando pelo corpo tudo. Ela acha que foi algum material barato que usaram de forma negligente para arranjar ou pintar o teto e que ela inalou quando voltou ao seu quarto. Aliás, o seu contrato de arrendamento com a Residência tinha desaparecido enquanto despejavam as ruínas do seu quarto: hoje estão a espera de resolver uma denúncia por danos.

Eu voltei para Madrid em Natal cheia de grânulos por todo o corpo mas não queria tomar cortisona porque é muito agressiva. Na volta já não falava com ninguém na casa e aliás queria mudar também para um lugar mais barato porque no segundo semestre ficava já sem bolsa. Assim que finalmente mediante outras opções para a pele e com o facto de mudar de casa fui sanando.

Enrico é um italiano de Bolonha em cuja trajetória como Erasmus encontramos também uma ligação importante entre doença, mal-estar e condições de habitação. Atraído inicialmente para Portugal pela lembrança duma viagem juvenil realizada pelo país uns anos atrás com amigos (“conhecemos uns portugueses e tocamos a guitarra perto da fogueira”) chegou a Lisboa e ficou 5 dias num Hostel até encontrar casa. Enrico diz que estava muito preocupado e deprimido na sua chegada porque não tinha muito dinheiro e aliás não havia muito convívio na casa porque não eram só estudantes: também havia trabalhadores e poucas vezes tinham um ambiente estudantil. Falou com o proprietário e decidiu mudar de andar para onde estava quando o entrevistei, onde quase todos são estudantes, mas acha que está a pagar demais porque há

baratas, “uma situação que vai ser pior no verão”. Aliás, ficou bastante chateado porquê o proprietário fez-lhe pagar a estadia da sua namorada que o tinha visitado (a 5 euros por dia) uma queixa muito frequente entre os Erasmus.

Mudar de andar foi bem, aqui há mais convívio e fazemos alguns jantares com as pessoas que aparecem por casa ou até com amigos de fora, mas agora acho que tenho de ir embora desta casa. Há pessoas que exploram aos estudantes nestas situações.

Por outro lado Enrico teve duas experiências de violência nas ruas de Lisboa: uma tentativa de assalto com faca perto da Praça da Figueira em pleno dia, e uma situação de quase-briga nas ruas do bairro de Alfama com jovens locais. Enrico atravessou os seus primeiros meses de Erasmus num semestre extremamente chuvoso em Lisboa e sentindo-se constantemente doente (já foi para o hospital de urgências).

No caso da Kirsten, uma rapariga alemã de Düsseldorf, a carência de adaptação não se expressa emocionalmente na insatisfação pelas condições da habitação ou na dificuldade no convívio com os outros. No seu relato as dificuldades achadas neste aspeto ocupam um lugar residual

O Hostel que tinha reservado antes de vir era muito frio e não havia qualquer tipo de aquecimento, aliás não havia muitos Erasmus lá e estava num bairro perigoso, mas eu ainda não sabia, assim que voltava todas as noites sozinha a pé. Nunca me aconteceu nada mas decidi mudar para outro Hostel, só com Erasmus, onde conheci o meu namorado que é da Bélgica

O problema para Kirsten são as dificuldades encontradas na reprodução das condições da sua vida (anterior) no meio de chegada, especialmente o desenvolvimento das suas atividades desportivas diárias, das quais só a ida ao Ginásio é que pode satisfazer. Acha que o tráfego motorizado é muito molesto e perigoso para ir de bicicleta, veículo com que se desloca diariamente em Düsseldorf. Também não pode praticar o atletismo diariamente pela cidade por causa dos desníveis constantes nas ruas, só na beira rio é que poderia,

mas resulta-lhe muito incómodo por causa do forte vento atlântico. Este aspeto desportivo, que ela considera central na sua vida em Lisboa, é aquele que gera uma reação emocional mais forte no processo de chegada e adaptação,

O pior foi na meia-maratona de Lisboa que passa pelo Ponte do 25 de Abril. A parte central e a frente da maratona era ocupada pelos idosos e as pessoas com mobilidade reduzida, dificultando o passo dos que íamos a competir, que tivemos de evitar as pessoas durante os primeiros 15 minutos. Esta organização foi muito chocante para mim.

A frustração diante da impossibilidade de realizar desporto na rua é projetada para o descontentamento geral com o carácter demorado e tranquilo dos portugueses. As queixas dirigem-se sobretudo para os tempos de espera nos serviços e comércios como cliente, especialmente na Cantina da Faculdade, mas também com a demora e desorganização do tráfego humano nas ruas e no metro,

As primeiras semanas achei piada com o lentos que são, mas depois é frustrante...É difícil ficar acostumado a isso.. No metro as pessoas não ficam retas nem caminham rápido como acontece na Alemanha, aqui as pessoas andam sem rumo e param-se para falar no meio do espaço de circulação, e isso dificulta o passo de todos! É duro para um alemão estar aqui sem férias porque nas férias ninguém se importa de esperar um pouco, esta-se com outra disposição, mas viver aqui significa que tens de ir para as aulas, que si és alemão queres chegar pontualmente...

A pesar do seu reconhecimento de “estar a viver” em Lisboa em tanto que Erasmus, só nas primeiras 8 semanas ficou envolvida nos ritmos e intensidades próprias do Erasmus: socialização massiva com outros estudantes, descobrimento da cidade, vida noturna. O seu forte compromisso com os tempos para o estudo e para o ginásio, e uma série de eventualidades, alteraram o decorrer da sua experiência: muitas visitas de familiares e amigos, a mononucleose que debilitou-a durante toda a estadia e a obrigou a estar na cama as últimas três semanas inteiras, e uma viagem para Alemanha no meio duma estadia de só 6 meses.

É verdade que estava doente, mas demorei tipo 4 dias em reparar que tinha voltado para Lisboa [depois da viagem para Alemanha]. Não é que tivesse tantas saudades da minha família, mas fiquei lenta em adaptar-me outra vez. É difícil ter duas vidas ao mesmo tempo...se fizesse Erasmus outra vez não voltava a fazer isto de voltar para o meu país, porque então ficas muito desorientado...são países tão diferentes.

A interrupção constante do processo de adaptação a uma nova situação por fatores pessoais (tanto voluntários como involuntários) fazem com que a transição vital seja incompleta, e sobretudo desligada do processo de “namoro” com a cidade e com a “comunidade” de estudantes que, de forma metonímica, caracteriza tantas outras biografias dos jovens Erasmus. É normal se temos em consideração que Kirsten chegou a Lisboa dois dias depois de um exame na Alemanha, sem tempo para descansar, ficou atrapalhada na sua estadia, e ainda por cima, o dia depois desta entrevista ia diretamente para uma *Summer School* em Boston. Ela nunca *deixou-se chegar* ao novo lugar.

Mas há outras ocasiões em que são as próprias formas de organização e agrupamento dos estudantes entre eles que não *deixam chegar* aos Erasmus apesar da sua vontade por fazer-lho, adiando o seu processo de adaptação à cidade em tanto que vivência duma nova realidade. Marcos, um espanhol do sul (Málaga) decidiu fazer um Erasmus depois de visitar um amigo que estava realizando uma estadia na República Checa, na que foi a sua primeira saída do Estado Espanhol. Aliás, a situação de falta de trabalho estando ele já no fim da licenciatura o empurrou para fora do país. Marcos chegou com 4 amigos mais da sua universidade com quem foram diretamente para uma Residência, ficando bastante isolados do ambiente internacional característico do Erasmus

Eu cheguei tipo “vamos a aprender inglês”. Mas não aprendi nada, bom, um pouco de português das aulas, porquê éramos 6 espanhóis na residência e aquilo era um *ghetto*. Sempre a procura do espanhol em casa, na rua...Quase que chegamos de mãos dadas e nunca as soltávamos.

Um das discussões mais interessantes na literatura científica sobre os estudantes internacionais trata dos modelos de interação e agrupamento, re-

conhecidamente endogâmicos e afastados das relações com os locais (BOCHNER ET AL., 1985). Aliás, formam-se com muita facilidade unidades de habitação e de socialização com base na língua falada em comum, coisa que -deixando o inglês de lado- resulta quase equivalente à formação de unidades da mesma nacionalidade. No caso de Lisboa, são perfeitamente conhecidos e reconhecidos os grupos de espanhóis, italianos e franceses que socializam-se primariamente entre eles. Num estudo da Kristine Mitchell (2012) estudantes Erasmus de 5 cidades diferentes declararam terem-se socializado principalmente com outras nacionalidades (78%), com os seus próprios co-nacionais (13%) e com os locais (10%). Ora bem, as taxas de resposta nestas perguntas -segundo a minha experiência etnográfica- aparecem desviadas à baixa em relação a uma certa vergonha por reconhecer uma reclusão social tão afastado do ideal Erasmus. É verdade que o convívio com outros estudantes internacionais é muito alto (partilham-se os mesmos contextos), mas a socialização com os co-nacionais (ou falantes nativos da mesma língua) é absolutamente predominante em determinados contextos de intimidade, ademais de muito difícil de evitar no quotidiano.

Seja como for a chegada do Marcos e dos seus colegas é paradigmática dum perfil de estudantes que vivem inicialmente de costas para a experiência internacional, mais frequente entre os originários de países do sul da Europa, uma atitude causada por uma série de fatores: a vergonha por não saber falar inglês como a maior parte dos seus colegas do norte da Europa, ou a in experiência na mobilidade transnacional. Os primeiros dias do Marcos e dos seus amigos foram marcados pela surpresa constante e a desorientação total nos primeiros passeios pela cidade, e até pelo receio

Foi-nos dito que não entrássemos na zona de Martim Moniz, Intendente, Mouraria..que eram partes perigosas da cidade, e às vezes conhecíamos outros Erasmus que moravam lá e pensávamos “como é que podem morar num bairro tão perigoso?!”. Ficou-nos tão dentro da cabeça aquela ideia que um domingo fizemos o percurso turístico com o Elétrico número 28 e, no seu passo pelos Bairros Antigos, ficamos atemorizados pela possibilidade de que o elétrico parasse e tivéssemos de ficar lá.

Marcos descreve este episódio desde a distância duma situação que mudou. Agora desloca-se tranquilamente por qualquer parta da cidade e, nas suas próprias palavras, “agora já é um Erasmus”. O primeiro semestre da sua estadia ficou fortemente condicionado pela atitude dos seus colegas espanhóis com quem tinha chegado, frente à socialização com outras pessoas fora do círculo, e também frente ao modo de vida Erasmus: sair entre semana, relacionar-se abertamente com os outros estudantes internacionais, voltar tarde para a Residência. Estes amigos criticavam-o até por estabelecer conversações informais no conhecido como “Erasmus Corner”, um espaço na confluência de alguns bares baratos no Bairro Alto da cidade, onde se concentram um grande número de estudantes internacionais quase todas as noites.

Não falávamos nunca com ninguém, eles eram tão fechados! E se falavas já estavam a criticar: “não fales com esse”, “que chato que é aquele”. Eu lhes dizia “rapazes! Há que conhecer pessoas!”. Conheci mais pessoas na primeira semana do segundo semestre, quando eles se foram, que em todo o primeiro semestre! Lá onde te conheci a ti, no churrasco da ESN...eu não tinha feito nada disso antes: nem festas Erasmus, nem jantares Erasmus, nem viagens pelo país...nada!

Marcos atribui parte dessa atitude ao facto de que alguns deles tinham namorada na sua terra (e às negociações que os relacionamentos à distância podem impor), mas também à sua preguiça: muitas vezes ficavam na residência a beber cerveja e ver televisão apesar da insistência do Marcos para sair.

Os Erasmus em Lisboa: Abrir-se à cidade, encontrar os teus, devir lisboeta

Depois do Natal (que como ele muitos Erasmus aproveitam para ir ter com as suas famílias) Marcos voltou para Lisboa com a disposição de fazer o que não tinha feito pelo peso que os seus amigos, que já se tinham ido embora, lhe impunham. O primeiro foi conseguir o cartão da ELL³, que por 10 eu-

³ A ELL (Erasmus Life Lisbon) é outra das organizações dedicadas aos Erasmus, sendo a primeira ou a segunda em importância. Mais virada pelas atividades noturnas do que a ESN (ver nota 1), com quem concorre fortemente, tem acordos com a maior parte de locais da cidade, e organiza festas Erasmus praticamente todas as noites.

ros dá direito todo o ano a inúmeros descontos em atividades e oferece entrada gratuita em muitas discotecas da cidade.

Como só começava as aulas a partir das 14, podia sair entre semana. Assim que passei as duas primeiras semanas do segundo semestre a sair cada dia! Conheci imensas pessoas: primeiro a uma espanhola que me foi apresentando mais pessoas e assim cada vez mais. Depois de duas semanas parei um pouco para equilibrar as coisas porque tinha ido de um extremo ao outro.

Este crescimento exponencial das redes de amizade é produzido pela confluência reiterada dos Erasmus nos mesmos espaços e atividades, uma consequência da ação das organizações de Erasmus (como a ESN ou a ELL). A organização do lazer noturno dos estudantes internacionais capitalizado por estas entidades *espaçaliza* as vidas dos Erasmus em determinadas zonas da cidade, as quais aliás, vão-se ver afetadas progressivamente por determinados processos de transformação urbana.

Mas, nem todos os Erasmus deixam-se seduzir pelo modelo de festa noturna que poderíamos chamar *mainstream*, construindo os seus percursos vitais de outras formas. Jacek é um Erasmus polaco muito aplicado ao estudo que mora numa casa com Erasmus, mas num quarto privativo com acesso direto desde as escadas do prédio. Estudante de línguas românicas, está muito satisfeito com a sua experiência em Lisboa, da que destaca a surpresa positiva que para ele foi a “interculturalidade” que cá encontrou

Polónia é muito uniforme, aqui há muitos brasileiros e pessoas das ex-colónias africanas, pessoas de toda a Europa, Ucrânicos. Gosto de ir às suas lojas porque há produtos eslavos que preciso para cozinhar, estão na zona dos imigrantes, tão temida. Os lisboetas dizem “de Anjos para cima bem, de Anjos para baixo mau”. Mas eu não ligo a isso.

Aliás, outro preconceito que o Jacek rejeita (e que no mundo dos Erasmus em Lisboa é extremamente constante) é o carácter dos portugueses perante os estudantes internacionais. Ele diz que antes de vir para Lisboa já ti-

nha ouvido que os portugueses eram muito fechados com os estrangeiros, mas que na sua experiência sempre tem sido simpáticos e atenciosos com ele. Pelo que diz à sua vida extra-acadêmica

Não tenho saído muito pela noite, gosto mais de beber um café ou um chá pela tarde e falar tranquilamente com amigos. De facto, não tenho relações que consistam em este tipo de festa noturna, em beber muito álcool e voltar tarde para casa. Pode parecer um pouco estranho, mas acho que há aqui um grupo de pessoas assim, que vive o seu Erasmus assim.

É verdade que há uma grande parte de jovens que rejeitam a vida Erasmus *mainstream* organizada e dirigida basicamente pelas entidades dedicadas aos estudantes internacionais. Por exemplo, existe entre os Erasmus em Lisboa um modelo de “viver a cidade”, marcado pelos gostos neo-bohemios (dança, cafetarias, exposições, contemplação) e pela vontade de contactar com as populações locais. Estes Erasmus, entre os que já realizei alguma etnografia (MALET CALVO, 2013) são muito mais seletivos para com as amizades e consideram a sua estadia como uma oportunidade para descobrir a “Lisboa real”, e não só para socializar-se massivamente entre os Erasmus ou entre os seus compatriotas. Enrico, de quem falamos mais acima representa perfeitamente este modelo:

Há pessoas com quem ficas bem e outras com que ficas mal. Não gosto desses italianos que, só por estar os dois no estrangeiro, falam-te como se já te conheceram. Não são pessoas interessantes, para mim não é importante a nacionalidade

Enrico passou o Natal com uma família de portugueses, amigos de outro italiano da faculdade, aos quais espera poder retribuir quando vierem para Itália de visita. Depois de 5 semanas doente e com muito stress foram para a praia com este amigo e estiveram a dar um passeio, tomaram um chá, caminharam perto do mar e finalmente voltaram de carro porque encontraram uma rapariga conhecida que trabalhava num B&B e que levou-os de volta para Lisboa

É assim. Aventura. Coisas que passam. Eu vivo aqui cada dia a ver o que vai acontecer a seguir. Eu não estou no Facebook e todos os contactos que tenho são do dia a dia, ou seja, posso contar os amigos que aqui fiz com os dedos duma mão, mas sei que eles são amigos de verdade. Eles são os que me deram suporte e calor humano.

Enrico já foi para o Bairro Alto para ouvir música ao vivo, mas não gosta da massificação, das pessoas muito alcoolizadas a brigar e a mijar nas ruas. Se tem de sair vai para a casa dalgum amigo ou a passear pela cidade, sobretudo pelos miradouros, onde admira a luz da cidade, aquela “energia que não se pode descrever”. Gosta de frequentar um café tranquilo perto da sua casa, onde os homens locais conversam durante horas, na porta do qual conheceu a um velho que lhe ofereceu -em troca por um cigarro- ensinar-lhe a arte da pintura. Enrico fala assim dos contrastes entre os Erasmus

Se tens dinheiro para a casa, para sair na noite e não tiveste problema nenhum vai ser uma experiência bonita, mas não sei o que vais aprender. Da-me mais serenidade pensar que conheci umas poucas pessoas que me deram alguma coisa e que me fizeram sentir que não estou sozinho na vida. Existem Erasmus que gostam de ver esta outra Lisboa, mais real. Ora bem, para mim Erasmus não significa nada, eu só queria fazer uns cursos fora.

Yolanda, a quem já conhecemos pelos problemas que tive na sua primeira casa, acabou vivendo um processo de adaptação completa à cidade, uma transição vinculada também à sua separação da categoria “Erasmus”. Três episódios foram os que levaram Yolanda a considerar que já não era Erasmus se não que estava a “devir lisboeta”: a sua transformação do vegetarianismo ao veganismo, a sua inserção na militância política feminista local, e a mudança de casa (para ir viver com locais). A primeira delas aconteceu num festival vegano da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde voluntariou-se e conheceu pessoas de entorno alternativo. A segunda foi consequência da mobilização dos estudantes do Estado Espanhol para defender as suas bolsas ante a ameaça do Ministro de Educação, quando muitos Erasmus espanhóis com consciência política e vontade de militância encontraram-se. A

terceira aconteceu quando Yolanda encontrou uma casa para o segundo semestre, já sem a bolsa Erasmus, na procura dum modelo muito diferente da sua residência dos primeiros meses

Agora moro com 4 portuguesas, pago só 170 euros e estou muito à vontade. A minha saúde melhorou imediatamente e estou finalmente muito feliz por estar em Lisboa. Tinha vontade de lutar e aqui é uma realidade social mais parecida com o Estado Espanhol, encontrei a minha gente, e com este sol posso metabolizar bem os alimentos, o que é realmente importante para ser vegana.

Conclusão: As transições vitais dos estudantes Erasmus em Lisboa

Distinguimos neste artigo variados modelos de estudantes internacionais passando pelas biografias dalguns deles e a sua relação com a cidade de Lisboa. Descobrimos assim uma forte tendência para o encontro dos estudantes Erasmus nos espaços de lazer noturno, onde se produz uma multiplicação exponencial de conhecidos. Esta situação é promovida e controlada por uma série de instituições e entidades que organizam festas, descontos, viagens e atividades de todo tipo, sobretudo centradas no consumo coletivo de álcool nas variadas zonas festivas da cidade e em eventos para Erasmus.

Descobrimos também a tendência duma série de estudantes para construir o seu quotidiano afastados desta realidade que consideram “massificada” e “vulgar”, numa necessidade muito pronunciada por “encher de significado” a sua estadia. Assim, estes “outros” Erasmus mostram nos seus discursos dois elementos básicos que formam parte das suas estratégias de distinção, sempre em relação com a sua inserção no espaço da cidade: 1. A exibição de narrativas sobre a mudança das suas subjetividades pela experiência da estadia, enfatizando o “auto-descobrimento” e a “transformação”. 2. A valorização do contacto com a população local e com as diferentes realidades da cidade fora dos círculos e dos espaços dos estudantes internacionais. Em resumo: o conhecimento duma Lisboa “autêntica” fez da sua estadia no estrangeiro uma experiência também “autêntica”.

Este jovens estudantes mostram diferentes transições nas suas carreiras vitais em Lisboa, fazendo das suas experiências de mobilidade intensos períodos onde “*espaçalizar*” suas expectativas, desejos e quotidiano. Seja a modelo que seja, os Erasmus apropriam-se emocionalmente do lugar para explicar a transformação das suas biografias, num processo de correspondência entre as suas subjetividades e o espaço consumido e vivido, entre as suas vicissitudes e a sua inserção social, cultural e política sobre o terreno.

- **Daniel Malet Calvo é bolseiro de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) do ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa). A sua pesquisa sobre os estudantes Erasmus em Lisboa como atores envolvidos nos processos de produção do espaço, apareceu na revista *Etnográfica do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA)*.**

REFERÊNCIAS

1. ALTBACH, Philip G., KNIGHT, Jane. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. *Journal of Studies in International Education*, v.11, n. 3/4, p. 290-305, 2007.
2. BARBLAN, Andis. Academic co-operation and mobility in Europe: how it was, how it should be. *Higher Education in Europe* (CEPES 30th anniversary –special issue). 2001.
3. BATORY, Agnes, LINDSTROM, Nicole. The Power of the Purse: Supranational Entrepreneurship, Financial Incentives, and European Higher Education Policy. *Governance: An International Journal of Policy, Administration, and Institutions*, v. 24, n. 2, p. 311-329, 2011.
4. BIENEFELD, Stefan, ALMQVIST, Johan. Student life and the roles of students in Europe. *European Journal of Education*, v.39, n. 4, p. 429-441, 2004.
5. BOCHNER, Stephen; HUTNIK, Nimmi; FURNHAM, Adrian. The Friendship Patterns of Overseas and Host Students in an Oxford Student Residence. *The Journal of Social Psychology*, v.125, n.6, p. 689-694, 1985.
6. BOURDIEU, Pierre. *Poder, Derecho y Clases Sociales*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2001.

7. CARLSON, Sören. Becoming a Mobile Student – a Processual Perspective on German Degree Student Mobility. **Population, Space and Place**, v. 19, p.168-180, 2013.
8. COHEN, Erik. Principales tendencias en el turismo contemporáneo. **Política y Sociedad**, v. 42, n. 1, p.11-24, 2005.
9. DI PIETRO, Giorgio, PAGE, Lionel. Who Studies Abroad? Evidence from France and Italy. **European Journal of Education**, v. 43, n. 3, p. 389-398, 2008.
10. FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus**. Antropología de la juventud, Barcelona: Ariel, 1998.
11. GRABURN, Nelson. Tourism: the sacred journey. In: SMITH, Valene L. (Org.). *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*. Filadélfia, **University of Pennsylvania Press**, p. 21-36, 1989 [1977].
12. VALENE L.; BRENT, Maryann (Orgs.). *Hosts and Guests Revisited: Tourism Issues of the 21st Century*. New York, **Cognizant Communication Corporation**, p. 42-50, 2001.
13. HANNERZ, Ulf. Cosmopolitans and locals in world culture. **Theory, Culture, and Society**, v.7, n.2/3, p. 237-251, 1990.
14. IWINSKA, Julia. **Tracking international joint degree programs in Hungary**. Budapest: Central European University (Department of Public Policy). 2010.
15. JAFARI, Jafar. Significado sociocultural y educacional del turismo de juventud. **Papers de Turisme**, n.8-9, p. 39-46, 1992.
16. KEHM, Barbara M., TEICHLER, Ulrich. Research on Internationalisation in Higher Education. **Journal of Studies in International Education**, v.11, n. 3/4, p. 260-273, 2007.
17. KING, Russell, RUIZ-GELICES, Enric. International Student Migration and the European ‘Year Abroad’: Effects on European Identity and Subsequent Migration Behaviour. **International Journal of Population Geography**, v.9, n. 3, p. 229-252, 2003.
18. KUHN, Theresa. Why Educational Exchange Programmes Miss Their Mark: Cross-Border Mobility, Education and European Identity. **JCMS - Journal of Common Market Studies**, v. 50, n. 6, p. 994-1010, 2012.
19. LLEWELLYN-SMITH, Catherine, MCCABE, Vivienne S. What is the attraction for exchange students: the host destination or host university? Empirical evidence from a study of an Australian university. **International Journal of Tourism Research**, v.10, n. 6, p. 593-607, 2008.
20. MALET CALVO, Daniel. Procesos de revalorización patrimonial en el barrio de Alfama: el papel de los estudiantes Erasmus en la tematización de la ciudad. **Etnográfica**, v. 17 (1), p. 31-50, 2013.

21. MÉSZÁROS, Anna. **The motivation to study abroad**. What motivates students to apply for Erasmus grant? Technical University of Cartagena. Department of Economics, 2011.
22. MITCHELL, Kristine. Student mobility and European Identity: Erasmus Study as a civic experience? **Journal of Contemporary European Research**, v.8, n. 4, p. 490-518, 2012.
23. MURPHY-LEJEUNE, Elizabeth. **Student Mobility and Narrative in Europe. The new strangers**. London & New York: Routledge Studies in Anthropology (Taylor & Francis), 2002.
24. MUSGROVE, Frank. **The Migratory Elite**. London: Heinemann, 1963.
25. NASH, Dennison. **Anthropology of Tourism**. Oxford: Pergamon, 1996.
26. NEVELING, Patrick; WERGIN, Carsten. Projects of scale-making: new perspectives for the anthropology of tourism. **Etnográfica**, v.13, n. 2, p. 315-342, 2009.
27. PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Análise Social**, v. XXV, n.105-106, p.139-165, 1990.
28. PÉPIN, Luce. The History of EU Cooperation in the Field of Education and Training: how lifelong learning became a strategic objective. **European Journal of Education**, v. 42, n. 1, p.121-132, 2007.
29. PINHO, Maria de Fátima D. M. Mobilidade transnacional e competências profissionais: um estudo de caso com alunos envolvidos no Programa Socrates - Erasmus. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Nova Lisboa, Lisboa.
30. RAGHURAM, Parvati. Theorising the Spaces of Student Migration. **Population, Space and Place**, v.19, p. 138-154, 2013.
31. RICE, Kathleen. Working on holiday: relationships between tourism and work among young Canadians in Edinburgh. **Anthropology in Action**, v.17, n. 1, p. 30-40, 2010.
32. RODRÍGUEZ, Xosé A.; MARTÍNEZ-ROGET, Fidel; PAWLOWSKA, Ewa. Academic tourism demand in Galicia, Spain. **Tourism Management**, v. 33, p.1583-1590, 2012.
33. SOUTO-OTERO, Manuel. The socio-economic background of Erasmus students: a trend towards wider inclusion? **International Review of Education**, v. 54, n. 2, p.135-154, 2008.
34. TEICHLER, Ulrich. Mutual Recognition and Credit Transfer in Europe: Experiences and Problems. **Higher Education Forum**, v. 1, p.33-53, 2003.
35. TURNER, Victor. **El Proceso Ritual: Estructura y Antiestructura**. Madrid: Taurus, 1988.

36. VAN MOL, Christof. Intra-European Student Mobility and European Identity: A Successful Marriage? **Population, Space and Place**, v.19, p. 209-222, 2013.
37. VAN'T KLOOSTER, Erik; VAN WIJK, Jeroen; GO, Frank; VAN REKOM, Johan. Educational travel: the overseas internship. **Annals of Tourism Research**, v. 35, n.3, p. 690-711, 2008.
38. WATERS, Johanna, BROOKS, Rachel. 'Vive la Différence?': The 'International' Experiences of UK Students Overseas. **Population, Space and Place**, v. 17, p. 567-578, 2011.
39. WILSON, Iain. What Should We Expect of 'Erasmus Generations'?. **JCMS- Journal of Common Market Studies**, v. 49, n. 5, p.1113-1140, 2011.

Recebido em junho de 2014

Aprovado em agosto de 2014